

A aferição da modalidade epistêmica em enunciados sob escopo de advérbios de dúvida

Júlio César Lima MOREIRA¹

Resumo: Seguindo a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, concebemos a variação inerente ao sistema linguístico. Avaliamos a frequência de alternância subjuntivo/indicativo em orações dubitativas na comunidade de fala da Cidade do México e, por hipótese, supomos que a modalidade seja um fator condicionador dessa alternância. Desse modo, o presente trabalho configura-se como um ensaio analítico de uma categoria discursivo-pragmática conflituosa, a modalidade. O objetivo básico neste trabalho é o de buscar formalizar parâmetros para a aferição da modalidade epistêmica *irrealis* apreensível no discurso. Nesse sentido, concebendo sua influência como fator condicionador na alternância subjuntivo/indicativo em orações dubitativas não subordinadas, poderemos avaliar sua atuação, nos termos de Labov (1972), como variável independente.

Palavras-chave: Variação; Alternância subjuntivo/indicativo; Modalidade epistêmica *irrealis*; Escalaridade.

Abstract: Following the perspective of Sociolinguistics Variationist, we conceive the variation inherent in the linguistic system. We evaluated the frequency of alternation subjunctive/indicative in doubters sentences in speaking community of Mexico City and by hypothesis we assume that the mode is a factor conditioning this alternation. In this way, this work appears as an analytical essay of a discourse-pragmatic category confrontational mode. The basic objective of this work is to seek to formalize parameters for the measurement of epistemic *irrealis* modality understandable in speech. In this sense, conceiving his influence as a factor conditioning the alternation subjunctive/indicative in doubters non-subordinated sentences we can evaluate its performance, in terms of Labov (1972), as an independent variable.

Keywords: Change; Alternation subjunctive/indicative; Epistemic modality *irrealis*; Scalarity.

Introdução

Neste trabalho, pressupomos que em enunciados dubitativos o valor escalar da modalidade epistêmica *irrealis* influencia a alternância subjuntivo/indicativo. Para isso, debruçar-nos-emos sobre o valor da modalidade epistêmica *irrealis*, com vistas a buscar compreender essa variável em situações de interação comunicativa. Trata-se de fenômeno observado na interação comunicativa, apreendido no vernáculo, portanto, no âmbito discursivo-pragmático, porém envolve, como não poderia deixar de ser, relação com os níveis subjacentes ao nível

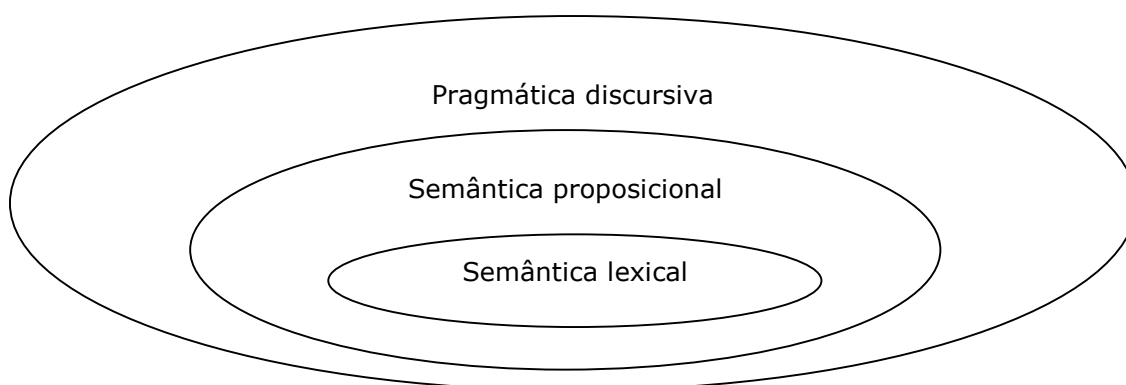
¹ Professor de Língua Portuguesa e Língua Espanhola. Mestrando do Prpgrama de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE. Correio eletrônico: julio007@yahoo.com.br.

pragmático, sintático, semântico e morfofonêmico, os quais são inter-relacionados e dependentes.

As questões centrais tratadas aqui são: **1) Se enunciado dubitativo sempre gera incerteza do falante ou há um valor escalar desse julgamento epistêmico *irrealis*? 2) É possível apreender a modalidade em termos formais e, assim, usá-la como variável independente em uma análise quantitativa?**

Sob a perspectiva de modalidade de Givón ([1995] 2001), assentada em moldes comunicativos acerca do julgamento do falante e do ouvinte, as proposições sob escopo de modalizadores dubitativos, como *quizá(s)*, *tal vez*, instauram o *irrealis*. Pressupondo esse valor escalar do epistêmico *irrealis* em enunciados dubitativos, esboçamos uma classificação paramétrica desse *continuum* da modalidade codificada nas proposições sob escopo de advérbios modalizadores de dúvida, incerteza, a fim de responder ao questionamento (2) supracitado.

Concebemos a modalidade uma categoria apreensível no discurso e deslocada da forma verbal e a gramática como um código que visa a organizar a informação a fim de lograr êxito comunicativo e que congrega a informação proposicional na cláusula e a integra ao contexto discursivo com coerência. Assim, há uma mútua troca em que a gramática configura o discurso e o discurso molda a gramática. Podemos representar essa organização neste esquema proposto por Pimpão (1999):



Quadro 1: organização hierárquica do discurso. (PIMPÃO, 1999, p.29).

Desse modo, entendemos que esse caráter multiproposicional do discurso nos dará pistas contextuais para aferir o grau de conhecimento/convicção do falante sobre certo conteúdo proposicional.

Para tanto, ensaiaremos neste trabalho o estabelecimento de critérios para a classificação do contínuo da modalidade epistêmica *irrealis*, cuja ocorrência supomos estar presente na codificação em proposições com a presença de modalizadores de dúvida, incerteza. Supomos, *a priori*, que haja uma correlação entre a progressiva expansão de uso do indicativo em detrimento do subjuntivo e o grau escalar do *irrealis* circunscrito no contínuo de certeza a incerteza epistêmica do falante em enunciados dubitativos.

A modalidade epistêmica segundo o Funcionalismo Linguístico

Tomamos como base uma perspectiva de linha funcionalista norte-americana, mais especificamente a conceituação de Givón (2001). Sob essa ótica, a modalidade é uma categoria discursivo-pragmática, uma vez que está centrada no julgamento do falante sobre a proposição e direcionada a um interlocutor num determinado contexto comunicativo. Portanto, a modalidade é uma forma de expressão dos valores atitudinais do falante sobre as proposições sem alterar ou incidir sobre os papéis semânticos dos argumentos na oração. Avaliação de ordem pessoal, subjetiva, que se estende sobre eventos, sobre seus atos ou sobre os de outrem, ou seja, o julgamento do falante, os quais, segundo Givón (2001), podem ser: **julgamentos deôntico e epistêmico**.

Para Givón ([1993] 2001) a modalidade segue uma hierarquia: **supermodalidade > modalidade > submodalidade**. Givón baseia sua classificação com relação ao grau de factualidade da proposição. Desta forma, para o autor, há as supermodalidades, abrigando modalidades, e estas, por sua vez, as submodalidades:

Supermodalidades	=> Modalidades	=> Submodalidades
Fato	Pressuposição e <i>realis</i>	
Não fato	<i>Irrealis</i>	Epistêmico e Deôntico
	Negação	

Quadro 2: Hierarquia das modalidades.

Dentro dos objetivos de nosso trabalho, expomos também a classificação do autor da modalidade *irrealis* e sua divisão nas submodalidades epistêmica e deôntica:

Asserção *irrealis* - proposição é declarada como possível, provável ou incerta (submodalidades epistêmicas), ou necessária, desejada ou indesejada (submodalidades deôntica/avaliativa). Mas o falante não está preparado para dar apoio à asserção com evidências ou não possui fortes razões para convencer seu interlocutor; e o desafio para o ouvinte é receber, esperar ou mesmo solicitar prontamente maiores esclarecimentos. (GIVÓN, 2001, p.301).

Escalaridade do valor de certeza epistêmico*irrealis* e a alternância indicativo/subjuntivo

O modo subjuntivo, segundo a norma padrão, prototipicamente é o modo que expressa dúvida, incerteza, hipótese, suposição, probabilidade, possibilidade, conjecturas, todas essas noções semânticas estão sob o arcabouço da submodalidade epistêmica *irrealis*. No entanto, não é isso que se observa no vernáculo, no qual progressivamente formas indicativas concorrem com as do subjuntivo em alguns contextos. Isso é o que caracteriza uma possível mudança semântica, essa expansão de função, de uso do indicativo e que pode indicar uma possível mudança substitutiva, segundo Coan (2003).

Prototipicamente, o subjuntivo é entendido, como destacamos acima, como o modo verbal relacionado à codificação das noções de incerteza, hipótese etc. Na teoria funcionalista givoniana, a codificação dessas noções semânticas seria função da modalidade epistêmica *irrealis*. Sobre a relação entre o subjuntivo e a modalidade *irrealis*, Pimpão (2009), parafraseando Givón (1995), nos diz que, para entender o subjuntivo é necessário inicialmente entender o *irrealis*. Em suma, para o autor, o *irrealis* é o contexto favorecedor do subjuntivo e em especial do traço de futuridade, em que se sobrepõem os submodos *irrealis* deôntico e epistêmico.

Supomos que em enunciados declarativos dubitativos (orações principais e/ou independentes com advérbios ou locuções de dúvida), a modalidade epistêmica *irrealis* apresenta um *continuum* dos valores no intervalo certeza - incerteza. Essa característica escalar da modalidade epistêmica é sugerida pelo autor em orações adverbiais (GIVÓN, 2001). Para o autor, a escala modal mais comum das sentenças adverbiais *irrealis* é a seguinte:

Certeza epistêmica**Forma gramatical**

- a. certeza mais alta
- b. certeza diminuída
- c. certeza mais baixa

futuro/marcação modal
 subjuntivo/marcação modal
 marcação contra-factual

Quadro 3: Escalaridade do epistêmico *irrealis*. Adaptado de Givón (2001, p.324).

Fazendo uma adaptação, usamos essa classificação do autor como parâmetro, pois compartilhamos a visão de esclaridade da modalidade epistêmica *irrealis*, manifestada em orações independentes dubitativas, abrangendo o *continuum* certeza-incerteza. Aqui buscamos destacar esse caráter escalar. Queremos mostrar que essa expressão de modalidade do falante em enunciados dubitativos oscila nesse eixo, assim chamados devido à presença dos advérbios e das locuções adverbiais.

Supomos que o fenômeno da variação das formas verbais em orações sob escopo de modalizadores epistêmicos *irrealis* (advérbios ou locuções), os quais codificam os valores de *dúvida*, *incerteza*, *probabilidade*, *possibilidade*, *suposição*, *hipótese*, *conjecturas*, está diretamente ligado à gradação de certeza epistêmica.

Procedimentos*Composição da amostra*

Tomando como base para análise o vernáculo do espanhol da cidade do México, através de amostra coletada e disponibilizada em seu sítio eletrônico pelo LEF-CM (*Laboratorio de estudios fônicos del Colegio de México*), instituição que participa de um programa de estudos sociolinguísticos que executa um mapeamento do espanhol em todos os países de fala hispânica, o **PRESEEA**, procedemos à composição de um *corpus* e posteriormente à análise das sentenças selecionadas. Selecionamos, dentro do *corpus* composto para o ensaio analítico exposto nesse artigo, o contexto comunicativo de apenas **2** proposições, dado o caráter do suporte da publicação.

Selecionamos algumas orações que estão sob escopo de, entre todos os advérbios modais epistêmicos de incerteza do espanhol, *a lo mejor* e *quizá*. Além deles, também se inserem nesse grupo: *tal vez*,

acaso, provavelmente, possivelmente e seguramente, mas por ora não serão avaliados.

Procedimentos de análise

Buscaremos inicialmente mensurar a modalidade apreendida no discurso, considerando todo enunciado portador de modalização em maior ou menor medida. Consideramos que os enunciados declarativos dubitativos (orações principais e orações independentes escopadas por advérbios ou locuções adverbiais de dúvida) por serem tipicamente expressão de julgamento relacionado ao grau de certeza, conhecimento do falante, podem apresentar um valor escalar da modalidade epistêmica *irrealis* em um *continuum* no intervalo certeza-incerteza. Para a classificação da escalaridade, baseamos-nos numa perspectiva discursivo-funcional, a qual considera a modalidade uma categoria pragmática que veicula noções semânticas. Para o valor escalar da modalidade epistêmica *irrealis* presente nos enunciados dubitativos, estipulamos alguns critérios considerando a seguinte escala de força: **1 certeza > 2-certeza diminuída > 3-baixa certeza**.

Faz-se necessário destacar que não é tarefa fácil mensurar o *continuum* da modalidade epistêmica *irrealis* dada à fluidez dos valores, mas aqui esboçamos uma tentativa. Trabalho semelhante de gradação da modalidade o fez Coan (2003). Apesar de ser uma classificação da modalidade em enunciados com formas verbais do passado, vale-nos como referência, pois utilizou critérios contextuais como pretendemos fazê-lo. Tarefa difícil que se baseia em **evidências** no discurso do falante para apreender seu julgamento e sua avaliação na proposição em questão.

Acrescentando a nossa hipótese básica sobre o *continuum* da modalidade epistêmica em enunciados dubitativos e com vistas a ratificar a possibilidade de aferição dessa, contextualmente, trazemos o **conceito de evidencialidade** exposto em Givón (2001). Segundo o autor, a evidencialidade e a modalidade epistêmica sobrepõem-se, podendo a evidencialidade ser gramaticalizada ou não em uma língua natural. Em nosso caso, buscaremos a evidencialidade contextualmente numa perspectiva de discurso multiproposicional a partir da operacionalização de parâmetros dicotômicos (cf. seção 3.2).

Sobre isso, o autor expõe-nos:

O fenômeno da evidencialidade cobre/sobrepõe-se completamente uma extensão com modalidade epistêmica. Ainda, em muitas línguas as duas formam subsistemas gramaticais distintos. Mais do que pertencente diretamente à certeza subjetiva, os sistemas de evidências gramaticalizados codificam primeiro e antes de tudo a *origem* da evidência disponível apoiado numa asserção, e somente então, implicitamente, sua *força*. Isso é aquela conexão implícita que, por sua vez, liga a *evidencialidade* à certeza subjetiva. A relação entre evidencialidade e modalidade epistêmica pode ser, portanto, dada como cadeia causal mediada: **origem da evidência > força da evidência > certeza epistêmica**. (GIVÓN, 2001, p.326, grifo nosso).

Elaboramos algumas considerações a partir da escala supracitada, correlacionando-a ao que prevemos como base conceitual para a elaboração de critérios formais, para a classificação e para a aferição da modalidade proposicional. Apresentamos, portanto, as seguintes ponderações:

Certeza 1 – O falante está fazendo julgamento com base em conhecimento adquirido e situação já experienciada diretamente. O mundo objetivo é mais descritível e evidenciável para o julgamento do falante, porém pode fazer julgamentos sobre si, pois é mais comum ter mais certeza quando se fala de si mesmo, quando se faz julgamento de si mesmo.

Há pistas contextuais, asserções que evidenciam o seu conhecimento, sejam elas anteriores ou posteriores à proposição em questão, sua capacidade de asserir certeza sobre o dito na proposição em questão. Há exemplos e argumentos que atestam o grau de maior certeza do falante, correlacionados e coerentes com a proposição sob escopo do modalizador. O uso dos itens dubitativos surge com a função de expressar um valor estilístico, de dar maior polidez ao discurso, ou surgem como marca de modéstia e de isenção de responsabilidade pelo dito.

A simulação de eventos hipotéticos dados como realizados pode ser considerada também como contexto favorecedor de um grau de certeza inferida na proposição, o qual o falante usa ludicamente para dar esclarecimentos ou ensinar algo, afastando-se da responsabilidade, ou seja, impessoalizando o discurso.

Vejamos como exemplo uma situação em que um morador de

rua, que já havia praticado furtos e roubos e que conhecia a dureza dos mendigos, responde as perguntas de uma senhora que o ajuda na rua e com a qual já tinha familiaridade:

Senhora: *Meu filho, por que aquele rapaz roubou a lanchonete do seu Manuel?*

Morador de rua: *Por que roubou? Ora, Dona Haydé, acontece assim às vezes. O cara morto de fome está ali passando, olhando o balcão, aí já sabe, né? Talvez ROUBOU / TENHA ROUBADO pra matar a fome, né?*

Observamos que o discurso do morador denota que ele tem conhecimento da situação, fala como algo habitual, como já experienciado, faz um julgamento sobre uma ação, o que é mais empírico e passível de observação. Esse primeiro grau escalar engloba valores de certeza, de probabilidade, de algo tido como realizável num mundo possível, que segue uma lógica. A forma esperada para expressão de certeza é o indicativo. Com esse grau de certeza, há forte frequência do indicativo em lugar do subjuntivo, cuja ocorrência em contexto regido por advérbios de dúvida seria prototipicamente esperada.

Certeza 2 – O falante apresenta moderada ou reduzida evidência de seu conhecimento, e moderada ou baixa capacidade de asserir o dito na proposição. Está relacionada geralmente a eventos passados e presentes não experienciados diretamente, possíveis de serem reais pela credibilidade dada à narração, aos relatos de outra fonte. Normalmente, relacionados a condições. Podem referir-se a eventos futuros com asseveração diminuída. O falante possui determinada convicção no que diz, porém sem factualidade, sem força para atestá-la e sem certeza, pois se baseia em uma crença. Não há a presença de argumentos ratificadores no texto, no discurso do falante, que atestem diretamente a proposição, porém o que enuncia em sua proposição está ligado ao seu mundo, trata-se de algo que conhece, embora não tenha vivenciado diretamente. Normalmente, dá-se sobre a ação de terceiros ou de seu mundo subjetivo (suas emoções, suas angústias, seus julgamentos, sua opinião). É mais comum ter menos certeza quando se fala de terceiros do que quando se faz um julgamento de terceiros. É usual haver pedido de validação de sua proposição como: "Não é? (né?)", "Concorda?", "O que acha?". Tratam-se de suposições,

de conjecturas, de possibilidades. Normalmente, o julgamento se faz sobre ações mais concretas, com mais atividade (cf. escala tipologia verbal de TAVARES, 2003).

Vejamos, como exemplo, o caso de um jogador de futebol comentando a atitude de um colega de outra equipe. Embora não tenha presenciado a situação diretamente, expressa uma suposição, porém possui conhecimento do mundo do futebol e de características individuais do alvo da proposição que poderiam ter motivado a ação do outro colega: *"Cara, acho que o Romário deixou a concentração **talvez** por que num ESTAVA / ESTIVESSE satisfeito com o que prometeram e num fizeram, né?"*.

Incerteza – O falante emite julgamento sobre um evento não experienciado, nem sequer próximo de seu conhecimento de mundo. Trata-se em geral de julgamentos sobre a ação e a conduta de terceiros ou do seu mundo subjetivo mais nebuloso, causa de um evento, de hipóteses e de conjecturas sobre eventos futuros. O falante não conta com pistas, com experiências compartilhadas que atestem seu julgamento e com sua proposição, ou seja, seu julgamento é feito sem base factual, experiencial ou empírica.

Não há a presença de argumentos ou de indícios que atestem sua crença asseverada, mas sim há a presença linguística no discurso de expressões que denotam sua baixa certeza. Apresenta desconhecimento ou baixo conhecimento do assunto que envolve o tópico discursivo exposto na proposição, a vacilação em sua asseveração, as hesitações, as incoerências, as contradições lógicas, a recorrência em pedir validação ao interlocutor sobre o exposto. Ocorrem normalmente no ato discursivo marcas linguísticas do falante que denotam incerteza, hesitação, como: *"não sei..."*, *"bem não estou certo..."*, *"pode ser, né?"*, bem como contradições lógico-formais.

Geralmente são orações declarativas que denotam valores de dúvida, hipótese voltada ao futuro, suposições, possibilidades voltadas a eventos possíveis no passado. Vejamos um exemplo em que dois vizinhos de um condomínio falam sobre o possível ladrão que entrou no condomínio. Não presenciaram nada, não há evidencialidade, não possuem conhecimento sobre a situação do assalto nem do suposto autor do delito, ao contrário denotam claramente sua incerteza com marcação no discurso: *"Cara, sei não o que aconteceu. Olha, o porteiro*

disse que ele estava ontem por aqui, mas não sabe a hora direito e não viu nada. Talvez ele ROUBOU/TENHA ROUBADO mas não é certeza, entende?

Na seção seguinte, buscaremos sintetizar as considerações acima e formalizar parâmetros para a análise.

Parametrização: estabelecimento dos critérios

Sintetizamos as considerações acima sobre a classificação do grau escalar da modalidade nos enunciados com a presença de advérbios epistêmicos de dúvida, incerteza e esboçamos uma lista de seis parâmetros para a classificação. Baseado em uma caracterização dicotômica semelhante a que fora criada por Hopper e Thompson (1980) na classificação da transitividade dos verbos, considerando os traços semânticos, faremos isso na aferição da modalidade. Acrescentando que concebemos uma análise realizada em um nível multiproposicional, pois acreditamos que podemos estabelecer uma correlação entre a modalidade subjacente à proposição em questão e as construções do discurso que estabeleçam um nexos coerente de significado no todo discursivo. Assim, poderemos mensurar a modalidade que não se codifica exclusivamente através da forma verbal, como prevê a gramática tradicional, conseqüentemente, estabelecer sua influência (como variável independente) na variação entre as formas verbais indicativo e subjuntivo. Começamos a pensar na criação desses parâmetros, partindo da concepção da modalidade, especificamente em enunciados independentes dubitativos e em orações principais de subordinadas, como a **função discursiva**. Entendemos que esta poderia ser caracterizada como uma **variável independente** (cf. TAVARES, 2003; LABOV, 1972) e, considerando-a como tal, estabelecemos alguns fatores que podem demonstrar a modalidade, ou seja, que podem permitir-nos a inferência da modalidade através de pistas contextuais e analisar a concorrência entre as formas variantes. Com vistas a esboçar uma forma de mensurar formalmente a modalidade epistêmica *irrealis* em enunciados independentes dubitativos, apresentamos a seguir os parâmetros estabelecidos:

Conhecimento/ evidencialidade: busca aferir o conhecimento do falante, o seu grau de evidência sobre o dito na proposição. Esse

parâmetro é mensurado contextualmente a partir de asserções precedentes ou subsequentes à proposição em questão, a partir das quais se busca atestar o conhecimento do falante sobre o assunto que envolve o tópico discursivo expresso no *dictum* da proposição em questão e sua capacidade avaliativa-julgadora impressa na proposição em questão sob escopo do modalizador. Esse parâmetro também é mensurado pela presença de argumentos, mais pontuais e factivos, asserções que atestem o *status* de conhecimento do falante sobre o *dictum* na proposição, que o favoreçam a ter mais conhecimento e, conseqüentemente, mais certeza. De acordo com a presença ou ausência dessas asserções positivas (ou seja, essa evidencialidade), rotulamos, respectivamente, usando os traços: **[+ conhec.]** e **[- conhec.]**.

Foco / objetividade: busca aferir o foco do sujeito enunciator da proposição em relação ao *dictum* na proposição e ao julgamento e se o conteúdo do *dictum* remete ao mundo objetivo ou ao subjetivo.

Para esta análise, fizemos a sobreposição como sendo um só parâmetro: se o dito na proposição incide sobre experiência do próprio falante ou sobre outrem. Fazer um julgamento sobre si mesmo é bem mais próximo de ser verdadeiro, pois o falante possui muito mais evidências para falar de si mesmo, portanto tem mais conhecimento e, conseqüentemente, mais certeza. O inverso, falar de terceiros, é menos fiável, o falante possui menos evidencialidade, menos conhecimento para tal fim. O falante possui mais subsídios e autonomia para fazer julgamentos, sejam objetivos ou subjetivos, de si do que de outros. Visto que no falar de si próprio incide mais certeza, correlacionamos, respectivamente: **[ego]** e **[outro]**.

Experiencialidade: é medida através da correlação de elementos contextuais que atestem a forma de participação do falante na predicação sob escopo do modalizador. Indica o grau de percepção do falante sobre o evento, o estado, o processo enunciado na proposição. Constata se o falante vivenciou ou presenciou diretamente ou indiretamente o contexto no qual o evento ou situação se desenvolveu. Quanto maior seu grau de participação, ou seja, de experiencialidade do fenômeno, mais acurada será sua percepção e, conseqüentemente, maior será seu grau de certeza. O falante pode ter essa experiencialidade de distintas maneiras: participar diretamente de

um processo; participar indiretamente, como se fosse um personagem secundário; ser um observador de um evento ou das ações de outrem: ou não participar, semelhante à classificação dos tipos de narradores de acordo com o seu grau de observação.

Isso está relacionado também à subjetividade, pois o falante pode vivenciar um processo subjetivo em si mesmo ou “observar”, supondo o que se passa no mundo interior de outrem, a partir de reações, gestos etc. O falante possui mais subsídios e autonomia para fazer julgamentos, sejam objetivos ou subjetivos, de eventos cuja participação tenha sido mais direta. Dialoga com o parâmetro **Foco / objetividade**. Portanto, falar do que presenciou(-a), experienciou(-a) incide em mais certeza. Usamos os traços: **[+ part.]** e **[- part.]**.

Concretude/Atividade: busca aferir o grau de atividade do predicado. Processos que envolvem mais atividade geralmente são mais concretos (cf. TAVARES, 2003; SCHLESINGER, 1995), e falar de processos mais concretos é mais evidenciável do que de processos mentais. Portanto, quanto maior for o grau de atividade/concretude da predicação presente na proposição, maior será seu grau de certeza. Usamos os traços: **[+ ativ.]** e **[- ativ.]**.

Referência temporal: indica a referência temporal na qual se ancora o julgamento epistêmico exposto na proposição. A modalidade subjacente à proposição está diretamente relacionada ao complexo categorial TAM (GIVÓN, [1984] 1993). Coan([2003] 2006) acrescenta a este complexo a categoria referência, tornando-se TAM (+R). Para Givón (1995), a modalidade está diretamente relacionada às categorias tempo e aspecto, daí resulta a correlação entre tempo aspecto e modalidade representada no quadro a seguir:

CORRELAÇÕES ENTRE TEMPO-ASPECTO E MODALIDADE

Passado/perfectivo

Realis (ou pressuposição)

Perfeito

Realis (ou pressuposição)

Presente-progressivo

Realis

Futuro

Irrealis

Habitual

Irrealis

Quadro 4 – TAM e a modalidade epistêmica.

Nesse sentido, a modalidade está correlacionada à temporalidade ligada ao ponto de referência considerado pelo falante na enunciação

da predicação e também ao aspecto da ação. O “não realizado”, em progresso, o futuro, o passado possível, estão relacionados à menor certeza do falante. Processos que podem ter sua referência bem delimitada no tempo e seu término indicado incidem em maior certeza do falante. O passado acabado, o presente momentâneo, realizado e asserido no momento da fala indicam maior certeza. O futuro pode ser: uma situação futura desejada, planejada (não factual); uma simulação (projeção) de situação futura concebida como realizada (tida como factual); um *futuro lúdico* com caráter didático (factual). E o passado pode ser codificado: relatando o que ocorreu (factual); relatando o que ocorria (factual); e servindo de referência para uma suposição ou condição (não factual) com referência a evento no momento da fala (presente) ou futuro. O que é factual indica mais certeza do falante. Usamos os traços: **[factual]** e **[não factual]**.

Coesão contextual: esse parâmetro busca avaliar a coerência textual da proposição em foco com o tópico discursivo em questão no contexto. Sendo o discurso multiproposicional, esse parâmetro é quantificado, mensurado a partir da presença de elementos discursivos em outras proposições no discurso (itens ou construções) que atestem paralelamente, positiva ou negativamente, a validade do *dictum* na proposição. Atuando como reforçadores, ou seja, evidencializadores do grau de certeza do falante na proposição em questão. Para efeito didático, consideraremos positivo o que for relacionado à certeza e negativo à incerteza. Como exemplos, temos: advérbios, orações assertivas etc. Exemplos em português (1) e espanhol (2):

(1) *Viajarei sim. Talvez* hoje mesmo, **certamente**, eu VIAJO.

Observamos que aqui poderia ocorrer variação com: **viaje/viajarei/ estou viajando**. Os advérbios **sim** e **certamente** competem com **talvez**, dando a pista contextual da certeza do falante independente da presença do operador de dúvida **talvez**, que parece atuar como moderador ou operador de modéstia, com valor estilístico.

(2) **Quizá** *TENÍA razones para no escucharme. De eso estoy seguro.*

Observamos que aqui a variação poderia dar-se com *tu viese/-ra*. A coesão textual mostrada pela sentença subsequente “*De eso estoy seguro*” demonstra também traço de certeza independentemente da presença do operador de dúvida. Pode ser o caso de sua presença representar atenuação, ou uma outra estratégia pragmática do falante para cumprir dado objetivo comunicativo.

Portanto, de acordo com essa presença de elementos ou de construções contextuais discursivas intercalando-se, antecedentes ou subseqüentes à proposição modalizada em questão, podemos atribuir, de acordo com a presença desses marcadores discursivos, mais certeza ou menos certeza do falante. Também contam, como elementos indicadores do grau de coerência, itens linguísticos que marcam a hesitação; as afirmações ou negações redundantes; a recorrência de pedido de afirmação do interlocutor com interrogações sucessivas etc. Respectivamente, para elementos correlacionados à certeza e à incerteza, (ou seja, que realcem a convicção do falante), usamos os traços: **[+ convic.]** e **[-convic.]**.

Análise e discussão

Para proceder à análise de enunciados que contenham os modalizadores epistêmicos do espanhol, *a lomejor, seguramente, talvez, probablemente, posiblemente* e *quizá*, objetivamos demonstrar qualitativamente o uso dos parâmetros na aferição do grau escalar do *irrealis*. Seleccionamos, dentro do *corpus* composto para o ensaio analítico exposto nesse artigo, uma proposição retirada de amostra de língua falada na Cidade do México.

Dentro de nossa expectativa e sabendo o caráter ensaístico sujeito a reavaliações e contribuições futuras, julgando por ora os parâmetros acima propostos coerentes, estipulamos a seguinte relação dentro da classificação dicotômica paramétrica:

Certeza 1 = 4 parâmetros ou mais com grau (+).

Certeza 2 = 3 parâmetros com grau (+) e 3 com grau (-).

Incerteza 3 = 4 parâmetros ou mais com grau (-).

À continuação, não constarão os trechos inteiros dos diálogos,

mas sim um fragmento do texto que se enquadra a proposição, o qual permitirá a verificação de elementos discursivos que ancorem a análise da proposição em questão. Indicaremos o número do informante e seu nível de estudos. Além da alternância de fala entre (I) Informante e (E) Entrevistador.

Análise

São indicados os números dos informantes conforme constam nas transcrições das entrevistas originais, disponibilizadas pelo *Laboratorio de estudios fónicos de Colegio de México* (LEF-CM), que pode ser acessado através do sítio eletrônico: <http://lef.colmex.mx/Sociolinguistica/CSCM/Corpus.htm>. Para cada informante, será indicada a quantidade de proposições analisadas, sendo destacado em negrito o advérbio de dúvida na proposição em questão. E para cada análise, será destacado no início o numeral que indique a sequência dos turnos de fala de acordo com a transcrição original.

Texto 1 -Inf 6 – a.Sup.[3]

I- y hay y lo que dice una hacen todas porque está mal ¿no? y no tiene más hermanas o sea se puede decir que en sí mi mamá es una son tres hermanos de ella y cuatro medios hermanos pero hasta hace poco o sea hace ¿qué serán? Cinco seis años fue cuando empezó a haber un poquito más de relación porque antes no o sea

E- ¿o sea tú? [no los veías de niño]

I- [no no]

E- ¿ni nada?

*I- si los veía íbamos un ratito y ya no era lo mismo de que cada año era navidad año nuevo con la familia de mi papá porque ellos no ni nos invitaban ni nosotros y también mi mamá nunca creaba el ambiente de que "oye vamos a ir con tu abuelita" nunca o sea nunca decía nada ella no le nacía ¿sí? O sea realmente **a lo mejor** ERAN pretextos de decir que nosotros estábamos en contra de ir pero pues hubo una oportunidad que fuimos y nos la pasamos a gusto ¿no? no el mismo ambiente o sea son unas personas más no bueno no puedo comparar el ambiente de mis tíos que hay más confianza².*

E- [mh]

I- nosotros ahí con unas personas que a lo mejor vemos cada seis meses o cada tres meses haciendo cada ocho días o quince

2 Ou seja, realmente talvez eram pretextos de dizer que nós estávamos contra ir, mas, pois houve uma oportunidade que fomos e gostamos, né? Não o mesmo ambiente, ou seja, são umas pessoas más... não bem, não posso comparar o ambiente de meus tios onde há más confiança (tradução nossa).

días con ellos siempre o diario conviviendo ¿no? que se integra más la familia ¿no? y con las otras personas mi mamá pues no es lo mismo que sí ha habido o sea que nos aprecian y que se notó ahora con te digo todo el punto viene de la boda ¿no? o sea se notó que toda la familia quiso ir se portó de lo más linda o sea no me puedo quejar ¿eh? O sea porque como te digo ha habido un cambio total o sea sí era un poco antes un odio o un algo re...

E- resentimiento

I- isí, más bien resentimiento! (L. 80-88)

Iniciamos a análise com o parâmetro **Conhecimento**. Conforme esse parâmetro, o texto nos indica que a falante tem conhecimento de que sua mãe não tinha contato com seus familiares havia uns seis anos: . (.....). Relata a falta de contato com a família da mãe, comparando com a do seu pai. A sugestão de um contato familiar desagregado é demonstrado nas passagens: "[...] *porque ellos no... ni nos invitaban, ... ni nosotros. Y llamaba, y también mi mamá nunca creaba el ambiente de que 'oye, vamos a ir con tu abuelita' nunca, o sea nunca decía nada*". O falante demonstra conhecimento do desapego de sua mãe a sua família e seu consequente afastamento. **No turno 64** dessa entrevista, a falante expõe o motivo pelo qual sua mãe não gosta de sua família, demonstrando seu conhecimento sobre o assunto e as supostas justificativas para a ação da mãe, expostas no *dictum* da proposição. Quando ela se refere aqui a *nosotros*, referencia a si e a seus irmãos. Portanto, ela tem conhecimento e argumentos para dizer que sua mãe não os avisava de nada para usá-los como pretexto para dizer que não iriam. Portanto: **[+conhec.]**.

Passando ao parâmetro **Foco**, o falante expõe considerações sobre a suposta ação de sua mãe, a suposta intenção, portanto: **[outro]**.

O terceiro parâmetro, **Experiencialidade**, indica-nos que o falante expõe um julgamento sobre a ação de alguém, ou melhor, a intenção de alguém, no caso sua mãe. Embora a percepção seja menos direta, a experiencialidade ocorre a partir de sua observação sobre os atos de sua mãe, mas também como um participante indireto da situação, equivalente a um personagem secundário cuja vivência dos fatos são relevantes para seu julgamento **[+part.]**.

O parâmetro **Concretude / atividade** nos indica que o julgamento do falante incide sobre: "*eran pretextos de decir*". Sendo

escopo do predicado *ERAN*: "*pretextos de decir* que éramos (nosotros, los hijos) en contra de ir". Essa predicação ligada pelo verbo **ser** a um sujeito genérico as ações da mãe. Nesse caso, o verbo **ser** não trata de um processo que represente atividade, mas sim um processo avaliativo, estativo, de caráter abstrato, sem atividade observável *stricto sensu*, portanto, menos concreta **[-ativ.]**.

Segundo a **Referência temporal**, a ação é anterior a um ponto de referência no passado. A possível predicação sob escopo de *a lo mejor*, mesmo que não tenha sido: "*pretextos de decir*", algo aconteceu que recebeu o julgamento do falante, no caso as ações da mãe, como vemos em contexto imediatamente antecedente: "*y también mi mamá nunca creaba el ambiente de que 'oye, vamos a ir con tu abuelita' nunca, o sea nunca decía nada*". Portanto, há um ponto definido no passado sobre o qual se ancora o julgamento epistêmico. Portanto, atribuímos o traço **[factual]**.

Coesão textual: há a presença de um item anterior que confere certeza ao *dictum* na proposição em questão: *...realmente....*. A suposição do falante é a de que a mãe usava os filhos para justificar não ir à casa de seus parentes. Há coerência nos argumentos e na construção dos argumentos que culminam em seu julgamento exposto na proposição em questão. Portanto: **[+convic.]**.

Resultado: **[+conhec.]**, **[outro]**, **[+part.]**, **[-ativ.]**, **[factual]**, **[+convic]**. Sendo 4(+), portanto, certeza. O falante faz um julgamento sobre as ações da mãe, suas emoções. A partir de suas observações e do conhecimento sobre a vida pregressa, dores, ressentimentos de sua mãe, fala de situações experienciadas e marcantes em sua memória, dando-lhe um grau de evidência sobre o julgamento exposto sobre o *dictum* na proposição em questão.

Considerações finais

A língua é indubitavelmente dinâmica, maleável e sujeita às pressões de uso, sendo a variação concebida como inerente ao sistema linguístico e como parte de uma tentativa de regularização deste. A variação entre indicativo e subjuntivo é um fenômeno já atestado em outros trabalhos, considerando outros contextos em especial orações complexas (cf. CARVALHO, 2007; PIMPÃO, 1999). Tal alternância

ocorre inclusive em orações com a presença dos modalizadores de dúvida, cuja construção seria, segundo a gramática normativa, formada preferentemente com o subjuntivo, o modo verbal que carrega as noções de dúvida, incerteza, probabilidade, possibilidade, hipótese, suposição etc.

Uma abordagem funcionalista concebe a distinção entre modo e modalidade cuja realização e atualização se dão na interação comunicativa entre falante e ouvinte, não podendo ser interpretada fora desse contexto. Portanto, analisá-la resulta obrigatoriamente em considerar os aspectos pragmático-discursivos. Por conseguinte, faz-se justificável, como demonstrado nesse trabalho, a consideração de aspectos contextuais para a aferição da modalidade.

A modalidade epistêmica representa o grau de conhecimento, de certeza do falante, e, pelo exposto, vimos que interfere diretamente na seleção das formas verbais em enunciados declarativos com operadores dubitativos (advérbios e locuções adverbiais). Um contexto o qual sintaticamente seria favorecedor do subjuntivo apresenta produtividade do indicativo, dado o grau de certeza do falante. Apesar dos poucos dados aqui apresentados, baseados no paradigma da gramaticalização, esboçamos uma escalaridade entre os advérbios de dúvida, pois a frequência de uso consagrada acaba por enraizar algumas construções (BYBEE, 2003), como: *a lo mejor* e *seguramente*, as quais favorecem mais o indicativo, dados os resquícios dos traços semânticos de suas **formas-fonte**.

Baseamos-nos em uma caracterização dicotômica de traços semânticos e gramaticais, tomando como modelo a proposta de Hopper e Thompson (1980). Os autores estudaram a estrutura da narrativa e sua correlação com determinadas formas gramaticais, por exemplo, sugerimos, a seleção das formas verbais correlacionadas às noções de **figura** e **fundo**. A partir disso, propuseram uma classificação da transitividade, inferível não apenas a partir do trinômio – sujeito, verbo, objeto – como prevê a gramática tradicional, mas sim a partir de toda a oração. Conceberam dez parâmetros para a aferição da transitividade. Convém destacar que nos propusemos, a partir da proposta dos autores, igualmente estabelecer parâmetros para fazer a correlação entre a modalidade subjacente à proposição a partir de critérios semânticos, morfossintáticos e textuais. Ou seja, semelhante à forma

que eles estabeleceram uma escala de transitividade, estabelecemos uma forma de aferir o grau escalar da modalidade epistêmica *irrealis* em enunciados dubitativos.

A proposta de análise mostrou-se coerente e insere-se como uma alternativa para discutir a necessidade de considerar categorias semânticas e discursivas nos estudos variacionistas e uma forma de mensurá-las e quantificá-las.

Os resultados demonstraram, em suma: (i) a necessidade de considerar aspectos multiproposicionais para a apreensão da modalidade epistêmica; (ii) uma alternativa de análise para essa tarefa a partir do estabelecimento de parâmetros, considerando aspectos semântico-pragmáticos para mensurar a modalidade epistêmica em orações independentes dubitativas apreensível no discurso, tomando a função da modalidade como passível a ser uma variável; (iii) uma correlação entre a seleção dos itens dubitativos e os valores modais no *continuum realis-irrealis* epistêmico, dado o estágio de gramaticalização de alguns dos advérbios dentro desse paradigma gramatical; (iv) a possibilidade de testar a modalidade como variável independente em estudos variacionistas; e (v) a modalidade interfere diretamente na seleção das formas verbais em enunciados sob escopo de advérbios modalizadores de dúvida, incerteza.

Referências

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency. In: JOSEPH, B.D. ; JANDA, R. D. (eds.). **The Handbook of Historical Linguistics**, Oxford: Blackwell, 2003, p. 602 -623.

CARVALHO, H. M. de. **A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

_____. A alternância dos modos indicativo e subjuntivo na língua falada. In: NOGUEIRA, M. T.; LOPES, M. F. V. **Modo e Modalidade**. Fortaleza: Ed. UFC, 2011.

COAN, M. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos Mais-que-perfeito e Perfeito: correlações entre função(ões)-formas(s) em tempo real e aparente**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

DA PENA, J. A.. **Del indicativo al subjuntivo**. Madrid: ARCO/LIBROS, 1991.

GIVÓN, T. Verbal inflections: Tense, Aspect, Modality and Negation. In: **English Grammar: a functional-based introduction**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1995.

_____. **Syntax: an introduction**. Amsterdam: J. Benjamins, 2001.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity in Grammar and Discourse. **Language**, v.56, n. 2, 1980.

LABOV, W. **Sociolinguistics Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W., HERZOG, M.; WEINRICH, U. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. 2. ed. São Paulo: Ed. Parábola, 2006.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1997.

_____. **Texto e gramática**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

PIMPÃO, T. S. **Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática**. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

_____. Variação no presente do modo subjuntivo: redução no paradigma do modo verbal. ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL - CELSUL, 4, 2009, Curitiba. **Anais do IV Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul – CELSUL**. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/121.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

SCHLESINGER, I. M. **Cognitive space and linguistic case**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação / variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

Recebido em 13 de maio de 2013.

Aceito em 22 de outubro de 2013.